

Prefácio

Epidemia esquecida, apagada, silenciada... o propósito deste volume, e da conferência que o originou, bem como do projecto de investigação que lhe esteve na base, foi o de resgatar do esquecimento/apagamento/silêncio um fenómeno que teve consequências demográficas, sociais, económicas, culturais e sanitárias de vasta magnitude: a epidemia de gripe de 1918-1919, também conhecida por influenza, pneumónica, ou ainda gripe espanhola. Ou «plémónica», na transcrição vernácula de lugares – como o interior do Algarve não muito remoto – onde a memória se distende por intervalos mais amplos e onde ainda ocorre aos mais idosos a lembrança da devastação que se conjugou com a guerra, as intempéries e a fome no mundo rural.

Identificado o paradoxo entre a intensidade dessa epidemia e a escassa contrapartida que tem em termos historiográficos, os colaboradores deste volume propõem análises, descrições e interpretações que no seu conjunto ajudam a repor o que poderíamos chamar «défice de reconhecimento». Obviamente, fazem mais que reconhecimento: permitem-nos, com as suas contribuições, conhecer melhor o que era este país, o que era a Europa e o mundo no período que corresponde ao final da Grande Guerra – final esse que, como sugere Crosby e debate Killingray, poderá ter sido precipitado pela pandemia. Alguns dos textos aproximam-nos de microcosmos regionais, outros de contextos internacionais, outros traçam aspectos particulares da conjuntura nacional à época e do impacto que a gripe teve na sociedade, na demografia, na economia, nas representações.

Ficamos a conhecer melhor a cultura material em que a epidemia eclodiu, os instrumentos disponíveis para intervenção sanitária, para prevenção, terapêutica, difusão de informação. Mas não se trata apenas de recuperar do passado um conjunto de narrativas: está em causa

confrontá-las, também, com alguns dos instrumentos contemporâneos de investigação biológica. Ficamos mais perto de conhecer como se sofria, como se temia, como se ultrapassava o temor, como se sobrevivia e convivia; mas ficamos também mais perto de identificar os trajectos da infecção pela sociedade, pelo espaço e pelos corpos. Se antes tínhamos, mesmo que esquecidas, ou silenciadas, narrativas da febre, das dores, da cianose, da pneumonia, da morte, do luto, hoje temos também retratos microscópicos e mapas genéticos do agente infeccioso e dos processos biológicos que desencadeava.

Não podemos deixar de concordar com Charles Rosenberg, cuja pioneira abordagem das epidemias de cólera nos Estados Unidos do século XIX mostrou o quanto as epidemias e as crises de saúde são uma plataforma de observação das sociedades e momentos históricos que as produzem – e que, também, por elas são produzidos. Assim acontece, como os autores deste volume exemplarmente demonstram, com a pandemia de influenza.

Tudo isso, certamente, sabiam estes autores que, através da *pneumónica*, nos aproximam das complexidades e nuances da sociedade de 1918-1919. O que não podiam adivinhar era quão perto estávamos da eclosão de um novo surto de gripe cujo vírus tem bastantes semelhanças genéticas com aquele e que de novo aparece com dimensões globais. Embora tal possibilidade estivesse contemplada e fosse mesmo anunciada algumas vezes, nas últimas décadas do século XX, a mais ruidosa das quais com a síndrome respiratória aguda, ou SRA, ou SARS, ou «gripe aviária», em 2003, ninguém previu a quase exacta coincidência temporal entre a produção deste volume e a declaração de um surto de gripe A (H1N1), conhecida ainda, nalguns países, como «gripe suína». Tal coincidência foi ainda captada na Introdução do presente volume, escrita pelos seus coordenadores entre o surto que eclodiu em Junho-Julho e o que se anuncia para o Outono. Este faz-se já presente pelo avolumar de informação e disponibilidade de meios preventivos. Trazendo consigo toda a paleta de elementos que os estudiosos de epidemias têm vindo a conceptualizar – a fronteira, a mobilidade, a quarentena, a separação, o medo –, esta antecipação da epidemia mostra que afinal o «esquecimento» é ténue, o apagamento é sectorial e a memória tem cicatrizes que se ritualizaram em comportamentos padronizados e «espontâneos», que oscilam entre a solidariedade de um «santinho!», ou «saúde», a cada espirro, e o temor do contágio que ora leva à fuga, ora se apresenta em desproporcionada parafernália protectora.

E, se os cientistas biomédicos nos mostram que muita coisa é diferente entre a pandemia de 1918-1919 e a que se anuncia agora, nomeadamente

quanto ao arsenal terapêutico disponível, também os cientistas sociais nos elucidam sobre outros contrastes. Se algo podemos generalizar é que invertemos a discrepância apontada para 1918-1919 entre o carácter mundial da pandemia e o carácter local, mesmo provincial, das abordagens de que foi alvo. Hoje temos dispositivos de grande escala para acompanhamento e podemos contar, quase à unidade, os casos que vão sendo identificados em todo o mundo, as curvas de incidência da epidemia, o mapa genético do vírus, os pormenores clínicos de cada caso. Temos informação que à escala global antecipa eventos – mas não os pode prever. Perante o avolumar de informação com que fintamos a incerteza, propomos aqui um recuo táctico e reflexivo: analisando criticamente o passado, melhor podemos decifrar o presente.

Cristiana Bastos
Lisboa, Outubro de 2009